

Cidadania comunicativa de pessoas com deficiência no Norte do Brasil: uma proposta de cartografia¹

Felipe Collar Berni²
Universidade Federal de Roraima - UFRR

RESUMO

Com o propósito de contribuir para a produção de conhecimento na interface entre Mídia e Deficiência, o projeto busca cartografar as experiências de cidadania comunicativa vivenciadas – ou negadas – às pessoas com deficiência residentes nos estados que compõem a Região Norte do Brasil. Nossa proposta busca investigar como a acessibilidade comunicativa tem sido aplicada nas empresas jornalísticas da região e como o ensino de técnicas e recursos de acessibilidade vem sendo incorporado nas escolas de Jornalismo do Norte. Além disso, analisa a construção e circulação de imaginários sobre pessoas com deficiência no jornalismo nortista e de que maneira essas pessoas utilizam as redes sociais digitais para produzir narrativas sobre si e sobre a deficiência. O estudo também busca identificar práticas comunieducativas e formas de resistência protagonizadas pelo movimento de pessoas com deficiência no Norte. Para isso, adota a transmetodologia como abordagem e postura metodológica, pesquisando em parceria com pessoas com deficiência, em uma aliança socio-científica voltada à disputa, conquista e experimentação da cidadania comunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: mídia e deficiência; cidadania comunicativa; cartografia; Norte; Pessoas com deficiência.

Os Estudos de Mídia e Deficiência ainda carecem de maior aprofundamento para expandir o campo da Comunicação em relação às interações que as pessoas com deficiência (PCD) estabelecem e demandam para conosco. Este resumo condensa uma proposta de um pesquisador que recém migrou para o Norte do país e que busca contribuir para o amadurecimento dessa interface propor, por meio de uma perspectiva regionalizada, uma cartografia das experiências de cidadania comunicativa exercidas por esse coletivo. Nesse contexto, assumimos a cidadania comunicativa como a expressão de um ideal possível de comunicação e sociedade, no qual as diferenças sejam respeitadas e as múltiplas sensorialidades contempladas, garantindo que todos possam usufruir de uma vida plena e digna. Com isso, a leitura que fazemos da deficiência vai ao encontro do

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cidadania Comunicativa e Narrativas Emancipatórias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professor e coordenador do curso de Jornalismo da UFRR. E-mail: felipe.collar@ufrr.br

modelo biopsicossocial, que vai compreendê-la como interação entre impedimentos de natureza física e barreiras culturais, psicossociais, comunicacionais e midiáticas, sinalizando para um deslocamento do modelo médico e individualizado para uma perspectiva estrutural e sociocultural (Marco, 2020; Diniz, 2007). Ou seja, entendemos a deficiência como uma construção social articulada para estipular o normal, o corpo-regra, o padrão: “a normalidade que inventa a si mesma para, logo, massacrar, encarcerar e domesticar todo o outro” (Skliar, 2003, p. 153). Para isso, foi preciso inventar a deficiência. Note que o corpo com deficiência só se materializa quando posto em comparação com a representação do corpo sem deficiência (Diniz, 2007; Marco, 2020).

Dado o papel central dos meios de comunicação e dos processos midiáticos na organização da vida moderna, eles se tornam estratégicos para a construção da cidadania e de “cidadãos”, além de se inter-relacionarem com outros espaços de exercício de poder. Esses processos tanto legitimam indivíduos como dignos de exercer a cidadania quanto perpetuam privilégios daqueles que historicamente se beneficiam das estruturas para expandir seus status. Assim, a cidadania comunicativa pode ser compreendida sob diferentes dimensões: o acesso aos meios de comunicação, o direito e o exercício da comunicação, a comunicação popular, alternativa e independente e a democratização dos meios, dimensões já amplamente debatidas na literatura (Bonito, 2015; Berni, 2024; Collar Berni; Bianchi, 2023; Guareschi, 2013; Maldonado, 2011; Peruzzo, 2022).

A pesquisa estrutura-se em cinco eixos de investigação, que buscam revelar as particularidades, potencialidades e fragilidades das diferentes expressões da cidadania comunicativa por pessoas com deficiência:

1. Acessibilidade comunicativa (Bonito, 2015; 2016; Berni; Bianchi, 2023): análise dos recursos empregados pelas empresas jornalísticas para garantir um consumo livre e autônomo da informação por PCD.
2. Ensino de acessibilidade comunicativa nos cursos de Jornalismo da região Norte: avaliação do papel das escolas de Jornalismo como espaços estratégicos para mudanças estruturais na cultura e nas rotinas produtivas do campo midiático.
3. Narrativas jornalísticas e construção de sentidos sobre a deficiência: análise simbólica sobre como a deficiência é mobilizada pela imprensa nortista (Freitas, 2021; Hilgemberg, 2017; Maldonado & Berni, 2022).

4. Mapeamento de produtores de conteúdo com deficiência no Norte do Brasil: identificação das características das narrativas construídas e colocadas em circulação nas redes sociais digitais.
5. Práticas comunieducativas e de comunicação alternativa: mapeamento de iniciativas lideradas por e para pessoas com deficiência, observando suas estratégias de resistência e empoderamento.

De maneira geral, buscamos constituir um panorama dos Estudos de Mídia e Deficiência na região Norte do Brasil, com vistas à construção de políticas públicas que garantam e ampliem a cidadania comunicativa das pessoas com deficiência nortistas. Especificamente, a partir de eixos:

- a) Mapear as estratégias de acessibilidade adotadas (ou não) pelo Jornalismo para atender às especificidades das pessoas com deficiência.
- b) Analisar como o ensino de acessibilidade comunicativa é abordado nos cursos de Jornalismo das universidades da região Norte.
- c) Examinar as narrativas, sentidos e significados mobilizados pela imprensa da região Norte ao retratar pessoas com deficiência.
- d) Identificar produtores de conteúdo nortistas com deficiência em redes sociais digitais.
- e) Mapear práticas comunicativas e comunieducativas lideradas por ou voltadas para pessoas com deficiência.

O desenho metodológico proposto se alicerça em posturas metodológicas a serem assumidas para o manuseio estratégico de métodos e recursos voltados à investigação. A pesquisa assume, de maneira crítica, a cartografia como instrumento para perambular pelas zonas fronteiriças de interesse que constituem a interface entre Mídia e Deficiência na região Norte do Brasil. Nísia Martins do Rosário e Adriana Pierre Coca (2018) defendem a cartografia como um "mapa movente" para a pesquisa em comunicação, considerando a processualidade particular de cada investigação, ou seja, "como um caminho metodológico que traça um mapa inacabado do objeto de estudo a partir do olhar vigilante, aliado às percepções e observações do pesquisador-cartógrafo, que são únicas" (Rosário & Coca, 2018, p. 35).

Essa perspectiva converge com a ideia de transmitologia, como nos provoca Alberto Efendy Maldonado (2013; 2019), uma postura que rejeita o uso apriorístico e quase receituário de métodos e técnicas de pesquisa, favorecendo um desenho artesanal e contextual, moldado pelas demandas do problema-objeto. Trata-se, portanto, de uma prática mestiça, na qual a transmitologia se manifesta como tal,

... dado que se configura em cenários e estruturas (dimensão/campo/nível) nas quais confluem processos sócio-históricos e culturais que valorizam a produção de sentido (pluralidade de contextos) e, por outro lado, incorpora e se apropria de lógicas e modelos teóricos, em confluência e desconstrução, que configuram um real transmitológico comunicacional (Maldonado, 2019, p. 210).

Assim, a cartografia e a transmitologia tornam-se aliadas no desenvolvimento de projetos científicos comprometidos com a cidadania, a emancipação e o bem-viver. Projetos que, ao se interessarem pelas especificidades das pessoas com deficiência, devem também colocá-las como coprodutoras do conhecimento produzido, adotando estratégias metodológicas anticapacitistas para pesquisar-junto desse coletivo, e não sobre ele. Trata-se de construir metodologias transmitológicas e anticapacitistas a partir do

[...] companheirismo na produção do conhecimento; na escuta profunda das falas, dos gestos e não-gestos; no desenho de métodos e práticas acessíveis e acolhedoras para a manifestação plena e multissensorial de suas particularidades; como também na formulação de estratégias para a reverberação das demandas das pessoas com deficiência por dignidade, cidadania e direitos (Collar Berni & Maldonado, 2023, p. 10).

Um pesquisar-junto que reconheça as estruturas de opressão que dificultam o ingresso e a permanência de pessoas com deficiência em espaços de produção de conhecimento; que assuma a reciprocidade como elemento indispensável para a experiência profunda dos sentidos; que valorize a artesanaria na construção de problematizações e métodos, respeitando a singularidade e heterogeneidade de um grupo vasto e plural. Um pesquisar-junto que, em sua concepção epistemológica, abrace a multidimensionalidade desses sujeitos, cujas vidas são atravessadas por diferentes marcas e mediações que não se resumem nem se limitam à deficiência. Uma abordagem que pense a pesquisa de maneira acessível, para que os próprios movimentos metodológicos não se tornem barreiras segregadoras e excludentes, e que celebre a centralidade do corpo e a exploração de suas sensorialidades.

Apresentadas as concepções epistemológicas que fundamentam nossas estratégias metodológicas, por prudência, sinalizamos recursos operativos possíveis para cada um dos eixos de investigação que propomos:

a) Para mapear as estratégias de acessibilidade adotadas (ou não) pelo Jornalismo para atender às especificidades das pessoas com deficiência, projetamos um estudo de caso com empresas jornalísticas, entrevistas com seus profissionais, bem como aproximações às potencialidades dos estudos de recepção, buscando compreender os usos e estratégias adotadas por pessoas com deficiência para inter-relacionarem com as produções jornalísticas;

b) Com o propósito de analisar como o ensino de acessibilidade comunicativa é abordado nos cursos de Jornalismo das universidades da região Norte, serão mobilizados instrumentos quantitativos e qualitativos para pesquisas documentais a partir dos Projetos Pedagógicos Curriculares dos cursos de Jornalismo das universidades sediadas nos estados da região, além de entrevistas direcionadas às coordenações pedagógicas e/ou aos Núcleos Docentes Estruturantes (NDEs) desses cursos;

c) Para examinar as narrativas, os sentidos e os significados mobilizados pela imprensa da região Norte ao retratar pessoas com deficiência, serão utilizadas as abordagens clássicas da análise de conteúdo e da análise do discurso;

d) Por meio da netnografia, identificaremos produtores de conteúdo nortistas com deficiência em redes sociais digitais;

e) Estratégias etnográficas e de pesquisa de campo auxiliarão no mapeamento de práticas comunicativas e comunieducativas lideradas por ou voltadas para pessoas com deficiência.

Por meio da necessária vigilância epistemológica e dos desafios e veredas que a cartografia nos apresentar, nossos recursos metodológicos serão constantemente revisados de forma crítica, para que não se tornem obsoletos e sejam utilizados em toda a sua potencialidade.

A proposta da cartografia surge como um recurso possível para mapear e conhecer essas experiências. É observável, inclusive pela amplitude que se propõe, que a intensão da pesquisa, por primeiro, seja de agrupar essas experiências que interessam a interface Mídia e Deficiência, para com isso, num futuro, avançar em problematizações científicas e de intervenção social, a partir de políticas públicas de comunicação, de maneira mais

específica e direta. Mira-se uma sementeira para diferentes colheitas possíveis num futuro próximo.

O projeto busca contribuir para o estreitamento das relações entre a Universidade Federal de Roraima (UFRR) e a população com deficiência local, considerando que, segundo projeções do censo demográfico do IBGE de 2010 (ALE-RR, 2018), cerca de 100 mil pessoas no estado possuem alguma deficiência motora, auditiva, visual, mental ou intelectual. A pesquisa pretende inserir essas pessoas no processo investigativo, promovendo um diálogo direto e concreto com a comunidade e fortalecendo sua participação ativa.

No âmbito institucional, o estudo poderá fornecer subsídios e colaborar com a Divisão de Acessibilidade (DAC/PRAE/UFRR) no desenvolvimento de ações voltadas ao acolhimento e permanência de estudantes com deficiência na universidade. Além disso, contribuirá para a formulação de políticas de comunicação acessíveis pela Coordenadoria de Comunicação (CoordCom/UFRR), beneficiando tanto o público interno quanto externo. Também poderá fortalecer o curso de Jornalismo ao estimular a inclusão da acessibilidade comunicativa como componente curricular, promovendo uma formação que direcione a prática jornalística para a acessibilidade. Esse esforço se alinha ao Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei N.º 13.146/2015), que, em 2025, completa 10 anos, ainda com desafios significativos na implementação dos direitos à educação e à comunicação garantidos pela legislação (Brasil, 2015; 2023). Além disso, a pesquisa contribui para o cumprimento de parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU.

REFERÊNCIAS

ALE-RR. **Pessoas com deficiência conquistam espaço no mercado de trabalho**. 2018. Disponível em: <https://al.rr.leg.br/2018/09/21/pessoas-com-deficiencia-conquistam-espaco-no-mercado-de->

[trabalho/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20%20C3%BA%20timo,%20visual%20mental%20ou%20intelectual](https://al.rr.leg.br/2018/09/21/pessoas-com-deficiencia-conquistam-espaco-no-mercado-de-trabalho/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20%20C3%BA%20timo,%20visual%20mental%20ou%20intelectual). Acesso em: 25 fev. 2025.

BERNI, Felipe Collar. **Cidadania comunicativa de pessoas com síndrome de Down: características reconhecidas e experienciadas**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2024.

BONITO, Marco. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil**. Tese

(Doutorado em Ciências da Comunicação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

BONITO, Marco. A Problemática da Acessibilidade Comunicativa como Característica Conceitual do Jornalismo Digital. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p.175-193, jan./jun. 2016.

BRASIL. Decreto nº 11.793 de 23 de novembro de 2023 - **Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Novo Viver sem Limite**. Brasília, 2023.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 – **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 2015.

COLLAR BERNI, Felipe; BIANCHI, Graziela Soares. O direito humano à comunicação de pessoas com deficiência: questionamentos e perspectivas no campo do jornalismo. **Eptic - Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 25, n. 1, p. 45–62, 2023.

COLLAR BERNI, Felipe; MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisar-junto de pessoas com deficiência: uma aposta transmetodológica e anticapacitista para o campo da Comunicação. **Anais do 32º Encontro Anual da Compós**, GT Comunicação e Cidadania. Universidade de São Paulo, São Paulo, 3 a 7 de julho de 2023.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREITAS, Thais Araujo de. **Representações sociais de pessoas com deficiência em notícias do portal G1**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) — Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

GUARESCHI, Pedrinho. **O direito humano à comunicação: pela democratização da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HILGEMBERG, Tatiane. **Atleta Real x Atleta de Papel: A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa**. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MALDONADO, Alberto Efendy. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. **Anais do XX Encontro Anual da Compós**, GT Comunicação e Cidadania. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica: produtos midiáticos, estratégias e inter-relações comunicativas. In: OLIVEIRA, Gerson de Lima; SANTOS, Larissa Conceição dos; BONITO, Marco (Org.). **Comunicação em contexto de pesquisa**. São Borja: Unipampa; Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2019, p. 183-212.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios na prática investigativa**. Salamanca-Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013, p. 31-57.

MALDONADO, Alberto Efendy; COLLAR BERNI, Felipe. “Conta a mãe”, “explica a irmã”, “disse o pai”: a fala Down negada no jornalismo. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 9, n. 2, 2023.

MARCO, Victor Di. **Capacitismo**: o mito da capacidade. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Pedagogia da Comunicação Popular e Comunitária nos Movimentos Sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. **Comunicação & Inovação**, v.19, n. 41, 2018.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.